



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.35043>

## GOVERNANÇA CORPORATIVA FRONTEIRIÇA NEOLATINA

### NEOLATINE BORDER CORPORATE GOVERNANCE

**Fábio do Vale** (INSTED/UFMS), **Pedro Henrique Alves de Medeiros** (UFMS), **Pedro Fleury Aranda** (INSTED).

**RESUMO:** O presente artigo busca discutir a Governança Corporativa no que tange à administração de uma empresa. Nessa esteira, interfere nas relações entre as pessoas das organizações e seus setores, organiza a política que a empresa deseja. Discutiremos neste artigo o quanto a Governança Corporativa é importante para organizar a estrutura e limitar o mau comportamento dos gestores para orientar sua tomada de decisão, além de promover a cultura de responsabilidade da empresa, também garante que processos e estratégias sejam seguidos de forma correta. Com a adoção das práticas de Governança Corporativa, as empresas profissionalizaram sua gestão. Nesse preciso sentido almejamos alcançar grandes corporações Brasil a fora, para que assim possamos gerir e propor melhorias na proposta da empresa e/ou mercado e assim, recolocando a própria empresa na área de combate. Trazendo consigo toda a bagagem de uma história sobre igualdade, ou seja, de modo *outro*, logo descolonial.

**Palavras-chave:** Governança Corporativa; Gestão; Descolonização.

**ABSTRACT:** This article seeks to discuss Corporate Governance with regard to the management of a company. In this way, it interferes in the relations between the people of the organizations and their sectors, it organizes the policy that the company desires. We will discuss in this article how important Corporate Governance is to organize the structure and limit the bad behavior of managers to guide their decision making, in addition to promoting the company's culture of responsibility, it also ensures that processes and strategies are followed correctly. With the adoption of Corporate Governance practices, companies have professionalized their management. In this precise sense, we aim to reach large corporations from abroad, so that we can manage and propose improvements in the company's and / or market proposal and, thus, placing the company itself in the combat area. Bringing with it all the baggage of a story about equality, that is, in another way, soon decolonial.

**Keywords:** Corporate Governance; Management; Decolonization.

## Introdução

“Ter uma boa administração facilita o estabelecimento de ações sociais pela companhia. A Governança Corporativa veio com o intuito de aliar boas práticas administrativas com conceitos cada vez mais consistentes de conduta ética, equidade de tratamento de todos os envolvidos e transparência da condução de ações da empresa” afirma. (PREVEDELLO, GRÄBNER E SILVA 2005, p. 10)

Apresentaremos este Artigo Científico dando ênfase nos melhores e mais ilustres professores de competências pessoais e profissionais, Fábio do Vale e Pedro Henrique Medeiros, atuantes em letras mentorando os acadêmicos dos cursos de Administração, Contabilidade e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS) da então renomada faculdade Insted (Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano), tendo como coordenadora de Administração e Contabilidade Leila Oliveira, uma profissional brilhante. De modo geral, aplicaremos estratégias focadas em excelência mediante a estrutura da Governança Corporativa, manifestaremos de modo simples e descolonial quais as dificuldades que o administrador antigo nos meios atuais sofre e como que essa Governança reage aos Políticos, além disso, traremos também toda e qualquer especulação, somente após esses feitos trataremos a Governança Corporativa na sociedade e quais as possibilidades de lucros, vantagens e desvantagens.

Primeiramente, é prioridade esclarecer todas as dúvidas pré-existentes para que possamos assim

dar andamento, sabemos que todos os setores industriais e comerciais têm em algum momento uma adaptação e/ou uma mudança drástica no mercado, pelo simples fato de estarmos em um mundo globalizado e energizado, atualmente podemos ver que a notícia introduzida na internet, rapidamente se espalha, levando em consideração toda a inovação e credibilidade da mesma, atingindo enormes picos de visualização, contudo, é importante destacar que se nós não nos atualizarmos, diariamente, podemos em um curto espaço de tempo declinar em um mundo de frustrações e da má informação. Antigamente era mais difícil esse convívio com o mundo, pois, simplesmente não existiam quaisquer aparelhos ou aplicativos que oferecia tecnologicamente esse tipo de serviço no planeta para a comunicação, existiam as cartas, porém, ao longo do tempo essa mesma modalidade ficou inutilizável, porque, tivemos um ajuste tecnológico.

O mundo sofreu em apenas uma década, um avanço maior do que houve em trinta anos, jamais imaginei que muitos daqueles antigos empresários poderiam sofrer um drástico deslize, ao não conseguir acompanhar a modernidade instalada no começo da década passada. Por fim, felizmente temos uma solução para esse problema, parceria de todas as gerações, mas, estritamente homogêneo, em outras palavras, teremos a junção dos herdeiros digitais, de tal forma que descolonial todos possam mudar o status quo descrevendo de modo didático para a então visualização dos mais vividos.

Ao longo do tempo, houve outra adaptação, o que se refere o próprio responsável da corporação se aliar ao político, enfatizando ganhos

próprios e aparições como “salvador da pátria” tendo por sua vez uma imagem oculta distante da prática transparente de muitos empresários e governantes da sociedade, gerando assim, muitas notícias e especulações que infelizmente, muitas delas até hoje está guardada em um “cofre a sete chaves em algum lugar do mundo”. Não é de hoje que temos essa visão, desde quando o mundo é mundo temos enraizadas em nosso meio as práticas coloniais e severas. Há várias ideias recorrentes mediante à parametrização do homem, hétero e branco na política, e líder de grandes corporações, detemos o conhecimento de cada conteúdo passado, e de cada história dos ícones que fizeram da colonização uma descolonização, pois, muitos dos heróis da nação lutavam incansavelmente para assim defender cada pedaço do preconceito e deficiência de ambas as pessoas.

## Governança Corporativa

Pelos campos ha fome em grandes plantações  
Pelas ruas marchando indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão  
E acreditam nas flores vencendo o canhão  
Vem vamos embora que esperar não e saber  
Quem sabe faz a hora não espera acontecer  
Vem vamos embora que esperar não e saber  
Quem sabe faz a hora não espera acontecer  
Ha soldados armados amados ou não  
Quase todos perdidos de armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição  
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem vamos embora que esperar não e saber  
Quem sabe faz a hora não espera acontecer  
Vem vamos embora que esperar não e saber  
Quem sabe faz a hora não espera acontecer (VANDRÉ, Geraldo 1968, grupo Quarteto Novo).

Isso posto, no que se refere ao trecho da música de Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, advogado, cantor, compositor e poeta brasileiro vivido na ditadura de 1964, compôs a música “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores” mais conhecida como “caminhando e cantando”, como uma das canções mais memoráveis de 1968, visto que era uma música submetendo a liberdade de um povo, “Há soldados armados amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão, nos quartéis lhe ensinaram uma velha lição, de morrer pela pátria e viver sem razão” retrata o abissal. Mediante ao descolonial de indivíduos. Pensar de modo *outro* nos remete a um mundo globalizado aposto, mas que socialmente não é constantemente aplicado, em outras palavras, é improvável que um ser humano consiga dar 100% dos teus lucros há um simples indivíduo, contudo, trazendo consigo o desfecho da infeliz realidade, Edgar César Nolasco, criador e desenvolvedor do então *lócus* pelo *bios*. Afirmo.

“como toda e qualquer teoria não passa de um “sintoma” daquele que a pensa. A reinscrição do *bios* dentro da discussão do pensador, a começar por seu projeto de pesquisa e por sua atitude e compromisso com o seu lugar de estudo ou trabalho, não mais seria do que a presença inconsistente do corpo vivo do sujeito e do “objeto de pesquisa” que, na verdade,

nunca saíram de cena da pesquisa, como tentou nos fazer crer o modelo acadêmico institucionalizado moderno” (NOLASCO, 2018, p.13-14).

À vista disso, não só aquele que pensa irá ter por si só a reinserção do *locus* e do *bios* na nossa sociedade, mas também, todos aqueles que agem contra o modelo acadêmico institucionalizado moderno, logo descolonial.

Historicamente, a Governança Corporativa nasceu em 1980 nos Estados Unidos por movimentos acionistas e de investidores, desde cedo lutaram pela liberdade solida de um País íntegro e seguro, forma maneira, combateram a Diretoria Executiva e as empresas de inércia dos conselhos de administração, portanto, foi apenas na década de 2000 que a organização endossando ter boas práticas, condicionando a execução da ética nas negociações e transparência no contato.

Dito isso, quem sofre com essa demanda não são os administradores modernos e sim todos os gestores da velha guarda, levando consigo o mau aprendizado e a mínima capacitação, do outro lado da linha, têm jovens pujantes levando consigo o aprendizado globalizado, tendo em vista o aprendizado do *locus* auxiliando drasticamente e o adaptando cada vez mais para um País mais igualitário.

Desse modo, ponderarmos nossos ideais e fortalecer nossas reflexões nos dará uma perspectiva (des)colonial fronteiriça, ajustando o ensino à uma educação mais igualitária como nos traz Medeiros:

“aos sujeitos que habitam a fronteira, há o ensejo de que demandem um posicionamento crítico abalizado por uma reflexão fronteiriça a qual vá

contra os ideais modernos e excludentes. Reafirmando uma opção descolonial a partir do seu *locus* geohistórico, por excelência. O fato de muitos críticos e teóricos brasileiros cultuarem a prática de migrar teorias universalizantes para as bordas corrobora com a barganha das vidas daqueles que habitam locais fronteiriços” (MEDEIROS, 2017, p. 24).

Dessa feita, as teorias universalizantes ancora uma opção descolonial e corrobora nos meios fronteiriços, portanto, se abirmos um canal de “lugar e fala” que significa pensar especificidades das condições sociais, que constituem as relações de poder entre diferentes grupos, desta forma, imbuído ao desabono nos meios atuais, logo, globalizado, para que cada vez mais ponderarmos o quesito descolonial nos meios tecnológicos gerando assim, um tratamento informal/cordial com cada figura humana. Refiro-me à rede fronteiriça sendo por setores e cargos levando consigo o tratamento e a evolução do conhecimento, pensando descolonialmente, para que assim, possamos fomentar a mão de obra, dando aos povos o que realmente os convém, o acesso de fala e tratamento nos meios públicos. O que de fato não ocorreu, cito a invasão dos portugueses pelo Brasil, ao desrespeito com os habitantes que naquele lugar já estavam:

(Des)colonialidades é um conceito cujo o ponto de origem foi o terceiro mundo. Para ser mais preciso, surgiu no mesmo momento que a divisão em três mundos se desmoronava e se celebrava o fim da história e de uma nova ordem mundial. A aparição deste conceito teve um impacto de natureza semelhante ao que produziu o

conceito na “biopolítica” cujo o ponto de origem foi na Europa. “Biopolítica” é um conceito do relato analítico da pós-modernidade, igual o seu homólogo europeu, “colonialidade” se situou no centro dos debates internacionais; no seu caso, no mundo não-europeu e na “antiga Europa do leste” (MIGNOLO, 2017, p. 14).

Com base no exposto, é importante olharmos por uma vertente (des)colonial “Utilizo a expressão “sensibilidade de mundo” no lugar de “visão do mundo” porque o conceito de “visão” é privilegiado na epistemologia ocidental. Ao sê-lo, bloqueou os afetos e os campos sensoriais, um só dos quais é a visão.” (MIGNOLO, desafios descoloniais hoje. p. 20). Em resumo, fomentar cada *locus*(lugar) tendo a perspectiva de “sensibilizar o mundo” é um pensamento cujo os ideais são defendidos por um povo pluricultural.

A “colonialidade” é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990, que eu elaborei em Histórias locais/projetos globais e em outras publicações posteriores. Desde então, a colonialidade foi concebida e explorada por mim como o lado mais escuro da modernidade. Quijano deu um novo sentido ao legado do termo colonialismo, particularmente como foi conceituado durante a Guerra Fria junto com o conceito de “descolonização” (e as lutas pela libertação na África e na Ásia). A colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte,

embora minimizada (MIGNOLO, 2016, p. 2).

Um bom exemplo de Colonialidade foi a Guerra Fria, tendo em vista a autoridade do “ditador” que na época visava centralizar o poder com o chamado plano de Marshal que era um favor trocado, tal como, juros baixos, condicionando os soldados e conseqüentemente os países sob a égide de um combate econômico, tudo isso posto após a Segunda Guerra Mundial, mediante a um governo totalmente severo e colonial. Do outro lado da linha, teve uma potência fundamental, a União Soviética, criou por sua vez em 1949 o *Comecon* existia para contrapor as estratégias do então plano Marshal, visando descentralizar o universo comunista. Infelizmente a potência da união soviética se viu totalmente sobreposta no que tange ao descolonial, com infelicidade de um país (des)igual, a união se viu desestabilizada enquanto os Estados Unidos , tendo após a vitória da guerra, a implantação do imperialismo em outros países.

Uma das maiores líderes explica que “a Colonialidade é a ferramenta que menos beneficia a população”.

“Vamos travar uma gloriosa luta contra o analfabetismo, a pobreza e o terrorismo. Vamos pegar nossos livros e nossas canetas, pois são as armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. A educação é a única solução.” (YOUSAFZAI, 2013. Dia internacional dos Direitos Humanos) ressalta Malala, pelo simples fato que há muito tempo atrás, o conteúdo e conhecimento só era dado para quem era muito farto de capital, pois, não existia a tecnologia para auxiliar esse mercado. Portanto, era de maneira infeliz e irracional que apenas os

políticos e governantes da alta sociedade conseguiriam ter um estudo de qualidade, do outro lado da linha, tecnologicamente falando, temos o que chamamos de internet, podendo ser usado por pessoas de alto e baixo capital, e por várias vertentes, muitos dos celulares, *tablets* e notebooks acompanharam as tendências. Concatenado a isso, todos os seres são estritamente importantes para cada ensinamento, dessa forma, beneficiaremos o conhecimento do jovem e do mais vivido.

A título de ilustração o que se diz mediante as frações das fronteiras Paraguai e Brasil, muito se discute sobre as causas e as demandas de lazer e trabalho, de fomentar as causas de abandono sob a perspectiva descolonial, visamos aprimorar toda e qualquer serviço prestado, debruçando sobre uma pesquisa feita em 2003 por um canal de informações portuguesa informa que, desde década passada brasileiros e paraguaios temem a ter uma maior proximidade não sob o capital mas sim, existencial, dessa forma, o prefeito Vagner Piantoni anuncia “Vamos falar ao mundo que a nossa guerra é pelo direito de viver em paz, de morar, de ir e vir, de comer, de ser feliz e, principalmente, ter a coragem de lutar pela paz, como tantos outros povos do mundo. Se somos humanos, então somos irmãos”. (PIATONI, 2003. Brasil e Paraguai realizam hoje o ato pela paz.)

A partir de uma perspectiva fronteiriça é nítido que nenhum país se comoveu para tratar de maneira existencial o papel das mesmas, atualmente quem reside nos meios da fronteira sabe que há falta de interesse e boas práticas, refiro-me à população que reside próximo à fronteira como “necessitado” pois,

além de não existir uma mero infraestrutura no local pouca verba é aplicada.

“Queremos aproximar os povos irmãos de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, unindo todos nesta causa mundial da paz, para que a consciência dos dirigentes mundiais seja elevada e respeitem a vida de todos os povos da terra, que vale muito mais do que barris de petróleo” explica Angélica Valdez, que vai liderar a marcha desde a prefeitura Pedrojuanina até a linha internacional. Dessa maneira nos uniremos por fins sociáveis e de vivência.

Faz parte da estratégia de sobrevivência de muitas famílias, que vivem na região em estudo, a procura por serviços ou trabalho no outro lado da fronteira, sempre que consideram que ali terão melhores possibilidades de assistência social básica ou melhores empregos. Como exemplo, pode-se citar o caso de brasileiros que trabalham no comércio de Ciudad del Este ou nas áreas agrícolas dos departamentos paraguaios e argentinos selecionados. Há o registro, igualmente, de brasileiros que procuram em Misiones remédios ambulatoriais gratuitos oferecidos pelo Plan Remediar. Inversamente, verifica-se a procura, por paraguaios e argentinos, de testagem e tratamento gratuito para Aids no Brasil. São inúmeras as situações de brasileiros que vivem na Argentina ou no Paraguai e que matriculam seus filhos em escolas brasileiras ou que procuram no Brasil serviços gratuitos de saúde. Todas essas situações, como veremos mais adiante, apontam para uma grande circulação de pessoas (inclusive crianças e adolescentes) entre os três países, que precisa ser melhor

estudada (UNICEF, 2005, p.17-8).

Na esteira de um viés fronteiriço, trajamos a aproximação entre os dois países Paraguai/Brasil e como já citado, abrir essas fronteiras beneficiaria ambos os países, isso claro, mesmo com inúmeras dificuldades eles se completariam, entendemos que, se abríamos a fronteira Brasil/Paraguai, os povos “Brasiguaios” teriam mais acesso ao cenário pluricultural, como ressalta Fábio do Vale:

“a minha crítica biográfica fronteiriça sendo essa: bios+lócus+Brasil+Paraguai – passa pelo transladado pôr do sol dos *loci* sulistas. Digo isso porque (des)pensar a estética da minha fronteira latina é perceber que o povo brasiguai possui – nesses entre-lugares fronteiriços - uma característica andarilho-sanguinolenta. Ao passo que (des)abro esses meus arquivos percebo que a cultura fronteiriça está imbricada – e por mim assim fora percebida – quando por vezes me debrucei sobre esse cenário pluricultural onde o tereré (bebida típica entre os dois países) cumpria seu papel (des)britanizado para reunir e aliançar o povo desse/daquele lugar, povo que se deve alcunhar como homens-fronteira, como meu caso de residência fronteiriça, logo, habitar esse espaço territorial e epistemológico, proposita perceber essa verve crítico-sinestésica da experiência do lócus” (VALE, 2020, p. 263/264).

É importante apontarmos a inclusão de todos, inclusive dos mais necessitados de estudo e capital, por visas conclusivas, é de suma importância preocuparmos com as fronteiras, Dessa maneira, pensar de modo *outro* nos remete à uma

perspectiva menos individualista, prezado por vidas de modo igualitário, portanto, cuidar do que é seu, e respeitar o que é do outro, descolonizadas.

“O principal corredor de armas é o Paraguai, não há dúvidas”, diz o deputado Paulo Pimenta, do PT do Rio Grande do Sul, que foi relator da CPI. De cada 100 armas em posse de criminosos brasileiros, 29 foram roubadas dentro do país (a maioria de funcionários de empresas de segurança) e 71 chegaram por contrabando, informa uma pesquisa da RCI First Security and Intelligente Advising, empresa de Segurança Privada sediada em Nova York, especializada em análise e gestão de risco, responsável pela construção da maioria dos 120 bunkers que existem hoje no Brasil. (PIMENTA, 2018, Brasil Documentos)

Diante dos 15.719 quilômetros de fronteiras terrestres e 7.367 quilômetros de fronteiras marítimas, Pedro Chaves:

acredita ser hora de o Senado participar mais ativamente da busca por soluções para o desenvolvimento e a vigilância de nossas fronteiras. Conforme assinalou ainda, trata-se de uma região pouco povoada, pouco desenvolvida e com pouca presença do Estado, o que facilita sua exploração pelo tráfico de armas brancas, de fogo e drogas, biopirataria e contrabando (texto jornalístico).

De modo *outro* é fundamental ter inteligência e armamento nas nossas fronteiras, tendo em vista que a população Brasiguai é pobre no que tange ao saneamento, ao abríamos a fronteira, Brasil, Paraguai e Uruguai, podemos auxiliar, capacitar e sintetizar cada povo e mão de obra, olhando por uma vertente

descolonial, abrindo a fronteira estaríamos dispostos a cuidar melhor de ambos os lugares, protegendo cada pessoa, de armas brancas, de fogo e tráfico de drogas, dando melhor conforto dos que habitam no Brasil.

As bases históricas da modernidade, a pós-modernidade e a altermodernidade (onde “biopolítica” tem o seu lugar) se encontram na Ilustração e na Revolução Francesa. As bases históricas da decolonialidade se encontram na Conferência de Bandung de 1955, na qual se reuniram 29 países da Ásia e da África. O principal objetivo da conferência era encontrar as bases e a visão comum de um futuro que não fosse nem capitalista nem comunista. O caminho que encontraram foi a “descolonização”. Não se tratava de uma “terceira via” ao estilo de Giddens, mas de desprender-se das principais macro-narrativas ocidentais (MIGNOLO, 2017, p. 14-15).

Nossa condição fronteiriça nos leva ao encontro de dois grandes setores, Governança Corporativa e Políticos (parlamentares) e o grande tratado que têm mediante ao sistema que absorve o incerto e o incapaz (corrupção) que mesmo tendo benefícios excludentes, continuam pegando o que não o pertence. O cenário político é sujo, igualmente em algumas empresas intituladas grandiosas, é inoportuno retirar o que nos foi dado, essa história se repete, porém, nesse momento com a má informação passada por esses “políticos”.

Para termos um mundo melhor, é preciso que muitas empresas e instituições acreditem nos seus alunos e acadêmicos, passando seriedade na hora do trato, e ser transparente no contato, só assim, teremos um mundo melhor e

consequentemente um Brasil de qualidade e centro das tecnologias. Acreditar no seu povo é o melhor estímulo para o começo de uma boa comunicação. Lamentável, ainda em 2020 termos a desigualdade racial, e epistemológica no mundo, fora o capital, portanto, é significativo monitorarmos cada passo de cada político, só assim, conseguiremos adentrar em um mundo totalmente igualitário, condicionando, um universo de equilíbrio.

## Comentários finais

A falta de políticas públicas integradas faz a população, não só de Rondônia, mas de outros estados, sofrer com o tráfico transnacional de drogas e de armas de fogo; contrabando de veículos, medicamentos e cigarros; conflitos fundiários, evasão de divisas, desmatamento, tráfico de pessoas e trabalho escravo, apenas alguns dos crimes que desafiam as autoridades e dificultam a vida dos cidadãos (RAUPP, Valdir. 2017. Senado Notícias).

Portanto, uma ação conjunta entre governo e sociedade é imprescindível para solucionar o tráfico de armas e drogas precisamos adotar uma estratégia de: empresas, Estado e colégio/ faculdade mediante ao meio fronteiriço, muitos indivíduos são constantemente vítimas da então sociedade, pois, acaba não tendo capital para ter saneamento básico/alimentar, estudo e visão de crescimento, e corre o risco de ser morto por narcotraficantes.

À vista disso, já que, muitos políticos, líderes de corporações grandiosas e a sociedade como todo olham apenas para o seu desenvolvimento, atrelado a isso, é aparente que haja um crescimento do



egocentrismo. Mediante ao Estado, é necessário policiamento nas estradas e fronteiras, pois, é nos meios fronteiriços que há tráfico de drogas, armas brancas e de fogo, possibilidades *outras* são: fazer leis mais severas, informar mais a sociedade com cursos profissionalizantes, fazer parcerias de escolas, ONGs e o mercado de trabalho, para que todos os alunos saiam capacitados e entendedores da mão de obra, dito isso, é necessário abriremos a fronteira e condicionarmos os nossos vizinhos ao aprendizado de qualidade, após esse feito, grandes organizações contratariam com mais facilidade o então aluno/acadêmico, pois, grandes lições eles aprenderiam antes de mergulhar no mercado de trabalho.

Informar e capacitar pessoas não só trará uma sociedade menos violenta, mas também, mais credibilidade para o país, visando o crescimento pessoal, profissional e da moeda do Brasil, portanto, é necessária toda e qualquer ajuda dos meios públicos e privados, para que haja um aprofundamento do “nós” na coletividade, e enfim ajustar cada eixo que está fora do lugar, a Governança Corporativa, Governo e corpo social, não só fará um país de ordem e progresso, mas, que atrelado a isso, consigamos ter uma nação de desenvolvimento.

## Referências

CHAVES, Pedro. **Avança criação de frente parlamentar para segurança nas fronteiras**. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/08/08/avanca-criacao-de-frente-parlamentar-para-seguranca-nas-fronteiras> . Acesso em: 27 ago. 2020.

MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. **Crítica biográfica fronteiriça: epistemologias do Sul**. 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/37342968/Cr%C3%ADtica\\_biogr%C3%A1fica\\_frenteiri%C3%A7a\\_epistemologias\\_do\\_Sul](https://www.academia.edu/37342968/Cr%C3%ADtica_biogr%C3%A1fica_frenteiri%C3%A7a_epistemologias_do_Sul) . Acesso em: 27 ago. 2020.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade**. 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/33659565/Colonialidade\\_o\\_lado\\_mais\\_escuro\\_da\\_modernidade](https://www.academia.edu/33659565/Colonialidade_o_lado_mais_escuro_da_modernidade). Acesso em: 27 ago. 2020.

MIGNOLO, Walter D. **Desafios decoloniais hoje**. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645> . Acesso em: 27 ago. 2020.

NOLASCO, Edgar César. **Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas**. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/7725-Texto%20do%20artigo-24301-1-10-20190308%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/7725-Texto%20do%20artigo-24301-1-10-20190308%20(1).pdf) . Acesso em: 27 ago. 2020.

PIMENTA, Paulo. **As rotas da violência**. 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/as-rotas-da-violencia/> . Acesso em: 27 ago. 2020.

PREVEDELLO, Márcio; GRABNER, Sélia; SILVA, Tânia Moura de. **O balanço social como ferramenta de gestão na cooperativa tritícola sepeense LTDA-contrisel**. 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1036/Argenta\\_Rivieri\\_Cardoso.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1036/Argenta_Rivieri_Cardoso.pdf?sequence=1&isAllowed=y) . Acesso em: 27 ago. 2020.

RAUPP, Valdir. **Políticas de fronteiras devem ser integradas e diferenciadas por região, diz Raupp**. Fonte: Agência Senado. 2017. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/08/31/politicas-de-fronteiras-devem-ser-integradas-e-diferenciadas-por-regiao-diz-raupp> . Acesso em: 27 ago. 2020.

UNICEF, Fundo das nações unidas para a infância-oficina regional do Uncef para a América Latina e o Caribe(Tacro). **Situação das crianças e adolescentes na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai: desafios e recomendações Marcia Anita Sprandel (Coord.)**. Curitiba, Itaipu Binacional, 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142006000200011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200011) . Acesso em: 27 ago. 2020.

VALDEZ , Angélica; PIANTONI, Vagner . **Brasil e Paraguai realizam hoje ato pela paz. 2003**. Disponível em:<https://www.douradosnews.com.br/noticias/brasil/brasil-e-paraguai-realizam-hoje-ato-pela-paz-aa4fb474b1011b7a08999f16b/149700/> . Acesso em: 27 ago. 2020.

VALE, Fábio do. **Arquivos-Meus da Nossa Fronteira Latino-Americana: minhas experiências fronteiriço-paraguaias na estética (des)pensada pelas epistemologias do sul**. 2020. Disponível em: [https://revistarascunhos.ufms.br/files/2020/10/Rascunhos-Culturais-21\\_Pronta.pdf](https://revistarascunhos.ufms.br/files/2020/10/Rascunhos-Culturais-21_Pronta.pdf) Acesso em: 27 ago. 2020.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. 1968.

Disponível em: <https://m.letras.mus.br/geraldovandre/46168/> . Acesso em: 27 ago. 2020.

YOUSAFZAI, Malala . 7 símbolos na luta pelos Direitos Humanos no mundo. 2013. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/geraldovandre/46168/>. Acesso em: 27 ago. 2020.